

**INTERVENÇÕES DA ESTOMATERAPIA EM PACIENTE ONCOLÓGICO NO  
AMBULATÓRIO DE CUIDADOS PALIATIVOS: RELATO DE CASO**

*Camila De Oliveira Rocha (rocha.oliveiramila@gmail.com)*

*Carolina Cabral Pereira Da Costa (carolcuerj@hotmail.com)*

*Caroline Rodrigues De Oliveira (enfcarol@yahoo.com.br)*

*Daniele Monteiro De Jesus Maldonado (danimjm@gmail.com)*

*Ellen Marcia Peres (ellenperesuerj@gmail.com)*

*Norma Valéria Dantas De Oliveira Souza (norval\_souza@yahoo.com.br)*

*Patrícia Alves Dos Santos Silva (papatyenf@gmail.com)*

*Samira Silva Santos Soares (Samira\_opg@hotmail.com)*

Introdução: A estomaterapia, especialidade exclusiva da enfermagem regulamentada pela Resolução COFEN nº 567/2018, exerce papel estratégico na assistência a pessoas com estomias, feridas complexas e incontinências<sup>1</sup>. A atuação do enfermeiro estomaterapeuta vai além da técnica, exigindo uma abordagem holística e humanizada, especialmente em contextos de maior vulnerabilidade clínica, como é o caso da oncologia em fase avançada. Nesses estágios, é comum a presença de lesões tumorais ulceradas, odor fétido, exsudato volumoso, dor intensa e impacto psicossocial significativo<sup>2</sup>. Tais manifestações clínicas, somadas à evolução progressiva da doença, demandam intervenções individualizadas e contínuas, que considerem não apenas os sintomas físicos, mas também os aspectos emocionais, sociais e

espirituais do paciente. Em muitas situações, dispositivos como a gastrostomia tornam-se necessários devido à obstrução do trato digestivo ou disfagia tumoral, contribuindo para o suporte nutricional e a manutenção das funções vitais<sup>3</sup>. No cenário ambulatorial, o acompanhamento de pacientes em cuidados paliativos exige integração entre os diversos profissionais da equipe, com foco na promoção do conforto, da autonomia e da dignidade. O enfermeiro estomaterapeuta é figura central nesse processo, oferecendo não só manejo técnico das lesões e dispositivos, mas também suporte educativo e emocional à família e aos cuidadores. A escuta qualificada, a adaptação das condutas à rotina domiciliar e o incentivo à autonomia da rede de apoio fazem parte de uma prática que visa humanizar o cuidado até o fim da vida<sup>2-3</sup>. Assim, o manejo clínico da ferida oncológica e da gastrostomia deve ser conduzido de forma criteriosa e ética, priorizando a diminuição do sofrimento e a preservação da identidade e do desejo do paciente. Ao longo desse processo, o cuidado não se limita ao curativo ou à técnica, mas se estende à construção de vínculos terapêuticos e à valorização da trajetória de vida de cada indivíduo. Objetivo: Relatar a atuação da estomaterapia no contexto dos cuidados paliativos ambulatoriais a um paciente oncológico com lesão tumoral extensa em região de face e uso de gastrostomia, destacando estratégias clínicas, desafios e benefícios. Método: Trata-se de um estudo do tipo relato de caso. O acompanhamento ocorreu no ambulatório de cuidados em estomaterapia em parceria ao serviço de cuidados paliativos de um hospital universitário no estado do Rio de Janeiro. O caso foi selecionado considerando a relevância clínica e a possibilidade de demonstrar a atuação do especialista em sua integralidade. A coleta de dados foi realizada por meio de observação direta durante os atendimentos, análise de prontuários e registros de evolução de enfermagem. Todas as informações foram organizadas, com base nos princípios da bioética e da confidencialidade, garantindo o anonimato do paciente. O presente estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa, sendo aprovado sob o parecer nº 5.590.129, conforme Resolução CNS nº 510/2016, que regulamenta pesquisas com seres humanos. Resultados: O paciente era um homem de 62 anos, com diagnóstico de carcinoma espinocelular avançado de orofaringe, submetido a radioterapia e quimioterapia paliativas, com importante comprometimento funcional e disfagia severa. Primeira consulta no dia 05/05/2025 na Comissão de Cuidados em Estomaterapia, encaminhado pelo ambulatório de Cuidados Paliativos da mesma unidade. Apresentava lesão tumoral exofítica, necrótica e ulcerada em região mandibular esquerda, com grande produção de exsudato, odor fétido,

dor local e prejuízo na imagem corporal. Foi implantada previamente gastrostomia endoscópica percutânea para garantir suporte nutricional. O paciente foi encaminhado ao ambulatório de estomaterapia para manejo da lesão e orientações sobre o dispositivo, em parceria com a equipe de cuidados paliativos. A abordagem iniciou-se com avaliação criteriosa da ferida, levando em conta as condições clínicas, o prognóstico, o ambiente domiciliar e as preferências do paciente. Foram utilizadas coberturas absorventes para controle do exsudato, além de barreiras protetoras em spray para proteção da pele perilesional. A limpeza era realizada com solução fisiológica, respeitando o limiar de dor e evitando traumas. A gastrostomia apresentava integridade adequada, mas a pele ao redor mostrava sinais iniciais de maceração. Foram instituídas orientações de higienização, proteção da pele perestoma e cuidados de estabilização e fixação adequadas do dispositivo, orientando a família sobre sinais de complicações como infecção, deslocamento e obstrução. A educação dos cuidadores foi um ponto central no plano terapêutico. Foram realizadas orientações simples, escritas e demonstrativas sobre higienização, troca de curativo, armazenamento de insumos e condutas diante de intercorrências. A equipe também acolheu as dúvidas e angústias da família quanto à progressão da doença e às limitações impostas pelo quadro clínico. Na consulta de retorno, foi possível observar melhora na aparência da ferida, redução do odor, menor produção de exsudato e controle mais efetivo da dor. O paciente relatou maior conforto durante o dia, menos constrangimento com o cheiro e mais tranquilidade em relação ao curativo. A família, por sua vez, demonstrou maior segurança nos cuidados, favorecendo a continuidade da assistência no domicílio. O vínculo estabelecido entre paciente, família e equipe foi essencial para o êxito do cuidado. A escuta ativa e o respeito às escolhas do paciente permitiram construir um plano terapêutico centrado na pessoa, adaptado às suas necessidades e realidade de vida. Conclusão: A atuação do enfermeiro estomaterapeuta no contexto ambulatorial dos cuidados paliativos se mostra essencial para o cuidado de pacientes com feridas oncológicas e dispositivos como a gastrostomia. Para além das técnicas de curativos, esse cuidado exige escuta sensível, adaptação à realidade do paciente e articulação com a equipe multiprofissional. O caso relatado demonstra que intervenções simples, mas fundamentadas em evidências e sensibilidade, podem promover alívio de sintomas, preservar a dignidade e melhorar de forma concreta a qualidade de vida de pessoas em fase final da vida. O cuidado em estomaterapia, quando centrado na pessoa, fortalece a autonomia do paciente e da família, amplia o

letramento em saúde e contribui para a humanização do cuidado no fim da vida.

Palavras-chave: estomaterapia; oncologia; cuidados paliativos.